

## Peronismo, historiografia e fontes: a construção dos setores populares argentinos

*Paulo Renato da Silva*<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do artigo é analisar a construção dos setores populares na historiografia sobre os dois primeiros governos do presidente argentino Juan Domingo Perón (1946-1955). Enfatizamos as principais fontes escolhidas para apreender os setores populares e suas implicações políticas e teórico-metodológicas. Destacamos como essa construção foi e ainda é marcada pela carência de formas de expressão próprias dos setores populares. Propomos a interrogação das fontes tradicionais sob outra perspectiva e apontamos outros documentos a serem explorados.

**Palavras-chave:** Peronismo. Historiografia. Fontes. Setores Populares. Cultura.

**Abstract:** The aim of this paper is to analyze the construction of the popular sectors in the historiography on the first two governments of Argentine President Juan Domingo Peron (1946-1955). We emphasize the major sources selected to apprehend the popular segments and their policy implications and theoretical and methodological issues. We highlight how this construction has been marked by lack of own ways of expression of the popular sectors. We propose to question the traditional sources from another perspective and point out other documents to be explored.

**Keywords:** Peronism. Historiography. Sources. Popular Sectors. Culture.

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: <paulo.silva@unila.edu.br>.

O peronismo marca a produção intelectual da Argentina, sobretudo desde o golpe de Estado que derrubou o presidente Juan Domingo Perón em 1955. O peronismo se manteve como a principal força política do país e, em 1973, Perón voltou a ser presidente. Faleceu no ano seguinte, mas permaneceu – e permanece – a centralidade política do peronismo, o que ajuda a explicar sua proeminência nos debates intelectuais argentinos. Desde 1989, o partido não ocupou a presidência por somente dois anos.

O peronismo apresenta, assim, um particular interesse teórico-metodológico para os historiadores. Trata-se de um objeto que evidencia as – tensas – relações dos historiadores com a política, apesar da neutralidade reivindicada pelo discurso acadêmico. Além disso, a história – e a História – do peronismo coincidem com mudanças importantes ocorridas na historiografia nas últimas décadas, como a crise do marxismo e a ampliação do leque teórico-metodológico. O tradicional âmbito político e sindical, ainda que continue central na historiografia sobre o peronismo, passou a dividir espaço, por exemplo, com questões referentes à cultura e produção intelectual.

Apesar dessas mudanças expressivas na historiografia sobre o peronismo, um elemento central do discurso peronista ainda não foi devidamente problematizado: os setores populares. O objetivo deste artigo é analisar como os setores populares foram construídos na historio-

grafia sobre os dois primeiros governos de Perón (1946-1955), enfatizando as principais fontes escolhidas para apreender estes setores e suas implicações políticas e teórico-metodológicas em “correntes” como a Sociologia Científica, a História Social Inglesa e a História Cultural. Destacamos como essa construção foi e ainda é marcada pela carência de formas de expressão próprias dos setores populares, conforme destaca Luis Alberto Romero em *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*, escrito em parceria com Leandro Gutiérrez.<sup>2</sup> Propomos a interrogação das fontes tradicionais sob outra perspectiva e apontamos outros documentos a serem explorados.

Romero defende o uso do termo setores populares para se pensar os trabalhadores além do mundo do trabalho, em esferas como as da produção cultural, das relações de gênero e familiares, da religiosidade e do lazer, dentre várias outras. O termo não visa abandonar a categoria trabalhadores, mas repensá-la. Além disso, o termo setores populares permite contemplar outros grupos sociais como as mulheres, as crianças e os idosos, dentre outros, não necessariamente ligados diretamente ao processo produtivo, mas inseridos nas esferas que acabamos de destacar.

<sup>2</sup> ROMERO, Luis Alberto. Los sectores urbanos como sujetos históricos. In: GUTIÉRREZ, Leandro; ROMERO, Luis Alberto. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

Nesse texto, Romero trabalha com o período entre as duas guerras mundiais e, portanto, não enfoca o peronismo, mas consideramos que o termo setores populares seja pertinente para o estudo dos dois primeiros governos de Perón, pois o discurso peronista não se referia à sua base social apenas como trabalhadores, mas também como “descamisados”, por exemplo, dentre outras denominações, como pode ser observado em *A razão de minha vida*, autobiografia da primeira-dama Evita amplamente difundida pelo governo de Perón:

Quando uma criança (...) me diz “Evita”, sinto-me (...) um pouco mãe de tôdas as crianças amparadas (...). Quando um operário profere essa palavra, sinto-me (...) mpanheira de todos os homens de trabalho (...). Quando uma mulher me chama de “Evita”, sinto-me sua irmã (...).<sup>3</sup>

“Nem todos os “descamisados” são necessariamente operários (...)”<sup>4</sup>, esclarece Eva Perón na mesma autobiografia. Antecipamos, portanto, um dos aspectos da construção dos setores populares na historiografia sobre os dois primeiros governos peronistas: estes setores foram construídos sobretudo enquanto trabalhadores, notadamente até a década de 1990. Não pretendemos, evidentemente, cobrar dos primeiros estudos a adoção de perspectivas que se consolidaram posteriormente, mas ressaltar como a his-

toriografia sobre o peronismo se estruturou, como se criou uma tradição que ainda privilegia a relação do peronismo com os trabalhadores e como há outros âmbitos do discurso peronista a serem explorados, os quais podem transmitir – e já transmitem – uma imagem distinta da adesão dos setores populares ao peronismo. Ou, pelo menos, uma imagem diferente da relação do peronismo com os setores populares.

Em *Os intelectuais e a invenção do peronismo*, Federico Neiburg desenvolve como o peronismo não pode ser dissociado da produção intelectual sobre o tema. Destaca como essa produção está fortemente marcada pelas trajetórias pessoais e políticas dos intelectuais. Demonstra como o peronismo foi um instrumento que colaborou, inclusive, para legitimar o papel dos intelectuais na sociedade argentina depois de 1955: após a queda e o exílio de Perón, os intelectuais antiperonistas se atribuíram o papel de “desperonizar” o país, enquanto os simpatizantes do presidente deposto se apresentaram como continuadores da “revolução peronista”.<sup>5</sup>

O autor indica como esse processo interferiu na construção do “povo”, termo priorizado no livro. Os intelectuais antiperonistas assinalavam a “manipulação” do “povo” por Perón, o que legitimaria a “desperonização”; já os peronistas destacavam a “conscientização” do “povo” pelo “líder”, motivo pelo

<sup>3</sup> PERÓN, Eva. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos. p. 92.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 119.

<sup>5</sup> NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. São Paulo: EDUSP, 1997.

qual a “revolução” deveria ser mantida. Porém, no livro, o “povo” aparece como um simples desdobramento das concepções políticas dos intelectuais. Neiburg não explora como as práticas dos setores populares – ou a eles atribuídas – interferiram nesse processo de construção, por vezes se chocando com os projetos políticos dos intelectuais, tanto dos peronistas como dos antiperonistas. Além disso, o autor se concentra nos debates apenas até a década de 1970 e não desenvolve a questão das fontes, sem as quais a historiografia carece de legitimidade: a trajetória pessoal e política dos intelectuais é a principal preocupação de Neiburg. Finalmente, fica em aberto em seu livro uma pergunta representativa dos desafios contemporâneos da historiografia sobre o peronismo: como os setores populares se apropriam dessa construção sobre si e a reelaboram? Trata-se de uma pergunta essencial para não confundir a memória sobre os dois primeiros governos de Perón com as práticas dos setores populares durante estes governos, equívoco comum na historiografia sobre o tema.

Conforme destacamos, Romero considera que há uma carência de formas de expressão próprias que permitam desenvolver o conhecimento sobre os setores populares. Como sintetiza Roger Chartier, a “(...) cultura popular é uma categoria erudita.”<sup>6</sup> Contudo, isso não inviabiliza o conhecimento sobre os seto-

res populares. Como defende Romero, as representações sobre os setores populares “(...) hablan mucho más de quienes las piensan que del objeto de referencia. Pero en el proceso social, también operan sobre éste (...) [grifo meu]”<sup>7</sup>, desencadeando, em nossa opinião, adesões, recusas, apropriações e indiferença. De acordo com Romero, é preciso analisar ideologia e cultura de forma conjunta, mas comparativamente, não igualando uma à outra. Frisa que as representações não são “reflexos” e a necessidade de situá-las “(...) en su doble carácter de constituyentes del proceso social y constituidas por él.”<sup>8</sup> Ainda segundo Romero, não “(...) se hace historia de los sectores populares o de la elite, sino de la sociedad, vista desde la perspectiva de uno de sus actores [grifo meu].”<sup>9</sup> As representações sobre os setores populares não devem ser analisadas sob a perspectiva de normas que necessariamente se impõem, mas estimular nos pesquisadores a busca dos “desvios” dos setores populares – ou a eles atribuídos – que estas normas pretendem conter ou transformar, o que permite levantar a dimensão conflitiva do social apontada por Romero acima. Para anteciparmos apenas um caso, seguindo essa proposta, os discursos de Perón e Evita, majoritariamente analisados como propaganda política ou peças centrais da formação da memória peronista, também podem ser fontes importantes para se estudar, por exemplo, os confrontos do peronismo com a sua própria base social.

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. *Formas e sentido: cultura escrita, entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. p. 141.

<sup>7</sup> ROMERO, op. cit., p. 35.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 34.

A historiografia sobre o peronismo é vasta. Neste artigo, destacamos apenas a historiografia sobre os dois primeiros governos de Perón, pois se trata do período formador do peronismo, ao qual diferentes sujeitos e grupos “retornam” para se legitimar politicamente. Além disso, algumas pesquisas sobre os dois primeiros governos de Perón, produzidas principalmente nas décadas de 1960 e 1970, alcançaram uma dimensão paradigmática e marcam, por exemplo, a historiografia sobre o varguismo no Brasil e o cardenismo no México.

### **Peronismo, (i)migrantes e a consolidação da “Sociologia Científica” na Argentina**

Em 1962, Gino Germani publicou *Política e sociedade numa época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas*. O livro é considerado o primeiro estudo acadêmico importante sobre o peronismo.

Germani nasceu em 1911 na Itália, país no qual teve duas experiências que marcariam sua vida na Argentina, onde chegou em 1934: cursou Administração na Universidade de Roma e ficou um ano preso por se opor a Mussolini. A prisão prestigiou Germani entre os antifascistas argentinos e a habilidade com números ajudava a dar um cunho científico à Sociologia que se organizava no país: em 1938, Germani começou a trabalhar na Faculdade de Filosofia e Letras (FFeL) da Universidade de Buenos Aires (UBA) e, em 1940, foi criado o Instituto de Socio-

logia. Federico Neiburg lembra, ainda, que a condição de estrangeiro supostamente conferia distanciamento e neutralidade a Germani, pioneiro de uma Sociologia que, vale ressaltar, frisava ser “científica”.

No governo de Perón, foi imposto à universidade o papel de defender a “revolução” peronista. Intelectuais antiperonistas como Germani foram afastados ou se afastaram da universidade. Naqueles anos, Germani fez traduções, escreveu prólogos e deu cursos e palestras em centros independentes de ensino e pesquisa.

Após a queda de Perón, o processo de “desperonização” teve a universidade como um dos seus principais alvos. Nesse contexto, o antiperonismo de Germani e sua produção durante todo o governo de Perón fizeram com que fosse convidado para a direção do Departamento de Sociologia da UBA. Assim, a sua obra deve ser relacionada ao processo de “desperonização” da universidade e do país.

A partir da década de 1930, o processo de industrialização levou sobretudo à Grande Buenos Aires milhares de migrantes vindos do campo e de pequenas cidades. Segundo Germani, esses migrantes não tinham experiência político-partidária ou sindical. O peronismo teria se consolidado por se dirigir principalmente a esses migrantes inexperientes em termos político-partidários e sindicais que, assim, teriam sido manipulados por Perón. Já os imigrantes, segundo Germani, há mais tempo nas

idades, estariam mais integrados social e politicamente e não teriam sido cooptados pelo peronismo.

As principais fontes de Germani são dados demográficos e estatísticos sobre os movimentos migratórios, dados retirados de outros autores, de censos nacionais e da então “Dirección Nacional de Estadística”. Esses materiais indicam a intensidade dos processos migratórios, mas levantamos, a seguir, uma passagem do livro de Germani pouco lembrada, mas importante para destacarmos o problema das fontes na construção dos setores populares pela historiografia sobre o peronismo. O próprio autor reconhece que, para *caracterizar* a sociedade que emergiu dos processos migratórios, havia uma carência de “estudios científicos”, mas aponta “una abundante bibliografía, sobre todo de carácter literario y ensayístico, en la que se ha tratado de caracterizar la sociedad que emergió (...) de la inmigración masiva.”<sup>10</sup>

Germani cita Ezequiel Martínez Estrada, José Luis Romero e “outros” como representantes dessa bibliografia. Em edições posteriores, como a da tradução

<sup>10</sup> GERMANI, Gino. *Política y sociedad en una época de transición*. Buenos Aires: Paidós, 1968. p. 279-280. O autor aponta fontes para desenvolver os “estudios científicos” que, em sua opinião, faltavam. “La documentación sobre este período de inmigración masiva es muy abundante: desgraciadamente está casi enteramente por estudiar. Los diarios y periódicos, los discursos y declaraciones de los políticos, los actos oficiales de los diferentes organismos públicos, archivos, correspondencia privada, cartas de los inmigrantes, actas y otra documentación de las numerosísimas organizaciones extranjeras y de las colonias agrícolas, memorias, teatro y novela, y por fin los análisis impresionistas – pero muy valiosos – de los contemporáneos (...).” (GERMANI, op. cit., p. 266).

ao português lançada em 1973 pela editora Mestre Jou de São Paulo, Germani incluiu Jorge Luis Borges, Carlos Alberto Erro, Eduardo Mallea e Raúl Scalabrini Ortiz e destaca que, nesses escritores, havia “(...) uma espécie de nostalgia pela homogênea sociedade crioula”<sup>11</sup>, a qual teria sido desfeita pelos processos migratórios. Porém, Germani não desenvolve esse ponto e a produção desses escritores parece guiar sua caracterização dos migrantes e imigrantes sob Perón. Consideramos que essa produção não indica, propriamente, as práticas dos migrantes e imigrantes, mas os confrontos sociais decorrentes dos processos migratórios (intelectuais x setores populares, portenhos x interioranos, etc.), dos quais a nostalgia apenas citada por Germani é uma das manifestações. Além disso, a historicidade dos textos – e dos sujeitos – é desconsiderada. Vejamos como Germani caracteriza o migrante em seu local de origem:

No tiene aspiraciones de ascenso social; en particular, no desea llegar a poseer tierras en propiedad. Su condición de dependencia se halla totalmente ternalizada y se traduce en una adhesión personal al estanciero, regida por sentimientos de fidelidad, lealtad y admiración.<sup>12</sup>

Essas características teriam permanecido nas cidades, o que explicaria o apoio dos migrantes a Perón. Consideramos que essa caracterização dos migrantes esteja marcada, mais amplamente,

<sup>11</sup> GERMANI, Gino. *Política e sociedade numa época de transição*. São Paulo: Mestre Jou, 1973. p. 244.

<sup>12</sup> GERMANI, *Política y sociedad en una época de transición*, p. 267-268.

pelo clássico *Facundo* (1845) de Domingo Faustino Sarmiento, cuja natureza híbrida já foi destacada por vários autores. “(...) ora é visto como *romance biográfico*, ora como panfleto político ou mesmo como estudo sociológico [grifo meu].”<sup>13</sup> Germani faz referências a Sarmiento. E é conhecida a influência de Sarmiento sobre escritores acima citados por Germani. Segundo Sarmiento, no interior da Argentina:

Ao menor sinal de insubordinação o capataz levanta seu chicote de ferro e descarrega sobre o insolente golpes que causam contusões e feridas (...). Quem morre nessas execuções do capataz não deixa direito a nenhuma reclamação, considerando-se legítima a autoridade que o assassinou.

(...).

(...) crianças sujas e cobertas de farrapos vivem com uma matilha de cães; homens estendidos pelo chão na mais completa inércia; o desasseio e a pobreza por toda parte; uma mesinha e bancos como único mobiliário; ranchos miseráveis como habitação, e um aspecto geral de barbárie e desleixo os tornam notáveis.<sup>14</sup>

Nota-se, no trecho acima, a falta “aspirações de ascensão social” e a “condição de dependência internalizada” que Germani aponta nos migrantes. Também notamos traços de Sarmiento sobre Germani na caracterização dos imigrantes europeus. De acordo com Germani, o “(...) inmigrante europeo (...) fue por-

tador (...) de distintas actitudes hacia el trabajo, la actitud agrícola, el ahorro, las aspiraciones de ascenso. (...) significó un impulso poderoso de modernización (...).”<sup>15</sup> Mais de um século antes, Sarmiento assim se referiu aos imigrantes:

(...) as casinhas são pintadas; a frente da casa sempre limpa, adornada de flores e arbustos graciosos; o mobiliário é simples, porém completo; a baixela, de cobre ou de estanho, sempre reluzente; a cama com cortinas graciosas, e os habitantes em contínuo movimento e ação. Ordenhando vacas, fabricando manteiga e queijos, algumas famílias conseguiram fazer fortunas colossais e se retirar para a cidade a fim de gozar as comodidades.<sup>16</sup>

Sarmiento escreveu *Facundo* exilado no Chile, pois era unitário, defensor de um governo centralizado em Buenos Aires, e se exilou durante o domínio dos federalistas, partidários de uma maior autonomia para as províncias. Assim, relacionava o federalismo ao interior, ao campo, onde via sinais de barbárie que, em sua opinião, seria vencida com um número maior de imigrantes, portadores da cultura europeia. Mas, segundo o próprio Sarmiento, o livro “(...) padeceu dos defeitos de todo fruto da inspiração do momento, *sem auxílio de documento à mão*, (...) *longe do teatro dos acontecimentos* e com o *propósito de ação imediata e militante* [grifos meus].”<sup>17</sup>

<sup>13</sup> PRADO, Maria Lígia. Prefácio à edição brasileira. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 20.

<sup>14</sup> SARMIENTO, op. cit., p. 70-72.

<sup>15</sup> GERMANI, *Política y sociedad en una época de transición*, p. 268.

<sup>16</sup> SARMIENTO, op. cit., p. 72.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 60.

Cabe aclarar que Germani não era um empirista ortodoxo e, portanto, não surpreende que textos de caráter ensaístico e literário estejam presentes em sua obra. Além disso, conforme assinalado, o autor reconhece o desconhecimento quanto às fontes e a carência de pesquisas sobre os processos migratórios. Entretanto, consideramos que a necessidade de legitimar a “desperonização”, dando-lhe um cunho “científico”, parece ter colocado esses problemas em segundo plano. Nas palavras de Neiburg, (...) a principal prova da consagração social da nova disciplina foi que, durante bom tempo, *sociología* tornou-se sinônimo de *sociología científica*.<sup>18</sup> As representações de Germani sobre os migrantes e imigrantes se tornaram referenciais, inclusive quando criticadas. Ainda marcam os debates sobre o assunto, apesar das lacunas apontadas pelo próprio Germani.

Falta na historiografia sobre o peronismo uma análise substancial dessa incorporação do ensaístico e do literário pelo acadêmico, pela “ciência”, essa passagem de uma linguagem à outra. Falta buscar efetivamente as “origens” do peronismo e sua relação com os setores populares não apenas nos processos migratórios ou na crise de 1929<sup>19</sup>, mas também no “esquema” que (re)estruturou/(re)estrutura o pensamento argentino, do qual *Facundo* de Sarmiento é somente um dos expoentes. Como destaca Peter Burke, o

“(...) esquema se associa à tendência a representar – e às vezes lembrar – um determinado fato ou pessoa em termos de outro”<sup>20</sup>, o que levanta dúvidas sobre as representações existentes e abre novas perspectivas sobre as práticas dos setores populares durante os dois primeiros governos de Perón.

### **Peronismo, movimento operário e a História Social Inglesa**

Na década de 1980, o historiador inglês Daniel James se destacou ao apontar para as resistências dos trabalhadores argentinos, apesar do apoio que teriam dado ao peronismo.

Na introdução de *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976*, James deixa claro seu contraponto com Germani. “La clase trabajadora aparece generalmente como una cifra (...)”<sup>21</sup> E destaca as fontes que norteiam seu trabalho:

(...) recurrí a documentación de archivos existentes en la Argentina. (...) diarios y revistas de ese período y boletines, anuarios y materiales disponibles en organismos estatales, principalmente el Ministerio de Trabajo. (...) tuve la suerte de poder acceder a una gran cantidad de diarios peronistas no oficiales, a diarios de afiliados, panfletos y circulares de barrios. (...). (...) me guíé fuertemente

<sup>18</sup> NEIBURG, op. cit., p. 214.

<sup>19</sup> Cf. MURMIS, Miguel; PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudios sobre as origens do peronismo*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

<sup>20</sup> BURKE, Peter. *Variiedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 77.

<sup>21</sup> JAMES, Daniel. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005. p. 12.

por entrevistas, conversaciones y discusiones con participantes activos en los gremios durante este período.<sup>22</sup>

James considera que o apoio dos trabalhadores ao peronismo foi um caminho realista para a satisfação de suas necessidades materiais. Refuta, assim, a ideia de manipulação presente em Germani. Ao contrário de Germani, defende que Perón foi apoiado tanto por migrantes como imigrantes, destaca as experiências comuns do movimento operário, independentemente da origem dos trabalhadores.

Em um artigo sobre o 17 de outubro de 1945<sup>23</sup>, James vê inclusive autonomia no comportamento *inicial* dos trabalhadores, até mesmo em relação aos líderes sindicais aliados de Perón, como mostrariam os ataques a jornais e universidades, tradicionais redutos antiperonistas, feitos por trabalhadores naquela data. “(...) tanto [Cipriano] Reyes como el secretario de gobierno de la provincia, coronel Benito, apelaron a la calma de los manifestantes y los instaron a abstenerse de usar armas y a regresar a sus hogares.”<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>23</sup> Na ditadura militar instaurada em 1943, Perón acumulou os cargos de Vice-Presidente, Ministro da Guerra e Secretário do Trabalho. Após a derrota do Eixo na Segunda Guerra Mundial, aumentaram as pressões internas e externas pelo fim da ditadura e democratização da Argentina. Perón, devido ao acúmulo de poderes, foi um dos principais alvos dos protestos. Em 9 de outubro de 1945, Perón renunciou aos cargos. As pressões continuaram e, no dia 13, Perón foi preso pela ditadura. Porém, a prisão desagradou aos trabalhadores simpatizantes de Perón e, no dia 17, milhares deles saíram às ruas de Buenos Aires para pedir a sua libertação. Fortalecido, Perón se candidatou e, em fevereiro de 1946, venceu as eleições.

<sup>24</sup> JAMES, Daniel. 17 y 18 de octubre de 1945: el peronismo, la protesta de masas y la clase obrera argentina. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 27, n° 107, outubro-dezembro de 1987. p. 451.

Segundo o autor, essa autonomia e a libertação de Perón no mesmo dia fizeram com que esse comportamento dos trabalhadores fosse legitimado posteriormente pelo peronismo e a data de 17 de outubro de 1945 foi apropriada pela propaganda peronista como o marco inicial da “comunhão” entre Perón e os trabalhadores.

De acordo com o conceito de contra-teatro (*counter-theater*), que James toma emprestado do também historiador marxista inglês Edward Thompson (1924-1993), os trabalhadores se apropriam dos símbolos de autoridade. James considera que o ataque a jornais e universidades em 17 de outubro de 1945 não foi aleatório e manifestou o descontentamento pela ausência dos trabalhadores nestas duas instituições.

O contra-teatro também seria praticado pelos governantes. Para Thompson, os governantes e a “multidão” “moderam o comportamento político” um do outro.<sup>25</sup> No entanto, em James, predomina a “moderação” da “multidão” pelos governantes. O que era autonomia é normatizado pelo poder constituído, como mostraria, por exemplo, a apropriação do 17 de outubro pelo governo peronista. É como se os trabalhadores não tivessem

<sup>25</sup> “(...) os governantes e a multidão precisavam um do outro, vigiavam-se mutuamente, representavam o teatro e o contrateatro um no auditório do outro, moderavam o comportamento político mútuo. É uma relação mais ativa e recíproca do que a normalmente lembrada sob a fórmula “paternalismo e deferência”” (THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 57).

conseguido sustentar suas posições iniciais, pois o discurso peronista teria normatizado o social.

A perspectiva de Thompson, adotada por James, pretende dar historicidade à classe operária e destacar como o seu processo de formação pode ser variado. As fontes trabalhadas pelo autor mostram essa preocupação. Entretanto, James não consegue superar totalmente a visão idealista difundida pelo marxismo tradicional, pautada em um antagonismo crescente entre a burguesia e o proletariado. Em um artigo sobre os planos para aumentar e racionalizar a produção na Argentina, a partir da década de 1950, James frisa a pressão dos trabalhadores para que o processo fosse acompanhado de conquistas econômicas. Contudo, ao comparar com outros países, considera que houve um número pouco expressivo de greves, o que leva o autor a definir o movimento operário argentino como ambíguo:

Es importante tener claridad sobre los límites ideológicos y la ambigüedad de la resistencia de los obreros. Por una parte, nunca se generalizó tanto como para constituir la crítica a los criterios ubyacentes a las relaciones de producción capitalista. (...). Es obvio que la aceptación de la legitimidad de las relaciones de producción capitalistas y las relaciones de autoridad contenidas en ellas eran en sí mismas reflejo de ciertos postulados básicos de la ideología peronista.<sup>26</sup>

<sup>26</sup> JAMES, Daniel. Racionalización y respuesta de la clase obrera: contexto y limitaciones de la actividad gremial en la Argentina. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 21, n.º 83, outubro-dezembro de 1981. p. 332.

A “ambigüidade” destacada por James indica o apego à citada visão idealista e a comparação com outros países enfraquece sua tentativa de compreender o peronismo a partir da história argentina. Além disso, acreditamos que James, como inglês, seja em alguma medida marcado por uma tradição que relaciona a América Latina de uma maneira geral ao autoritarismo, que vê a região e seus habitantes como despreparados para a democracia liberal. No artigo que comentamos sobre o 17 de outubro, James também se refere ao peronismo como ambíguo:

El peronismo fue un fenómeno complejo y umamente ambiguo, y en ningún otro aspecto lo fue más que en lo concerniente al rol que tuvo en él la clase obrera. (...). Por un lado está la sublevación (...), el quebrantamiento de las normas vigentes (...); por el otro, la franca confraternidad con las fuerzas de la ley y el orden, la ordenación de las acciones de la clase obrera a las autoridades del Estado. Además, mediante estos tecimientos la clase obrera rindió homenaje, en definitiva, a una figura militar autoritaria.<sup>27</sup>

Desse modo, James mantém representações recorrentes da historiografia como as vistas em Germani e relaciona os trabalhadores com o conservadorismo (“franca confraternidad con las fuerzas de la ley y el orden”), o personalismo (“subordinación de las acciones de la cla-

<sup>27</sup> JAMES, 17 y 18 de octubre de 1945: el peronismo, la protesta de masas y la clase obrera argentina, p. 461.

se obrera a las autoridades del Estado”) e o autoritarismo (“la clase obrera rindió homenaje, en definitiva, a una figura militar autoritaria”).

Além do destaque a resistências dos trabalhadores, James, a exemplo de autores que desenvolveremos a seguir, também tem o mérito de incluir em sua explicação questões culturais para compreender a adesão a Perón além das medidas sociais e trabalhistas:

Su frecuente empleo de versos de *Martín Fierro* y su uso deliberado de términos del lunfardo puede extrañar a la sensibilidad actual. (...). En relatos efectuados por observadores y periodistas en los decisivos años iniciales del peronismo, encontramos con frecuencia los adjetivos chabacano” y “burdo” para describir el estilo de expresarse de Perón y sus partidarios, calificativos que denotan una cualidad grosera, propia de un rústico. Sin embargo, no son epítetos que los peronistas hubieran rechazado iamente.<sup>28</sup>

Apesar da importância de se ver o peronismo além das medidas sociais e trabalhistas, permanecem os problemas apontados anteriormente. Ora, nessa perspectiva, os governados, quando jogam no terreno dos governantes, o fazem

apenas dentro das brechas deixadas pela norma vigente. Fazem greves, pedem aumentos salariais, mas não questionariam o capitalismo ou o peronismo. Já os governantes, quando jogam no terreno dos governados, conseguiriam neutralizá-los, por exemplo, apelando ao “popular”. Como mostra a passagem acima, não existe, de fato, uma “circularidade cultural” nessa perspectiva: James mantém a distinção tradicional entre “cultura de elite”, no caso, representada pelos jornais, e “cultura popular”, correspondente ao poema de Hernández e ao lunfardo. Não se trata de uma passagem isolada no livro. De acordo com o autor, a retórica peronista tinha uma “(...) aptitud para decirle a su público *lo que éste deseaba escuchar* [grifo meu].”<sup>29</sup> Em outro trecho, defende que a visão de uma sociedade mais digna transmitida pelo peronismo era transmitida às “massas trabalhadoras” “(...) en un lenguaje *que eran capaces de comprender* [grifo meu].”<sup>30</sup>

As entrevistas de James merecem um comentário à parte. São fontes inegavelmente valiosas, mas, em alguns casos, a *memória* dos dois primeiros governos de Perón parece ser confundida com a *prática* dos entrevistados naquele período:

Algo del entimiento de impotencia y resignación que (...) caracterizó la respuesta de muchos trabajadores a la experiencia del periodo previo a 1943 puede hallárselo en el testimonio personal de los no militantes. (...).

<sup>28</sup> JAMES, *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976*, p. 38. O poema *Martín Fierro* de José Hernández narra, em uma linguagem popular, a vida de um gaúcho. O poema foi amplamente difundido desde seu lançamento, na década de 1870. O lunfardo, por sua vez, é composto por palavras e expressões cuja origem é atribuída aos setores populares da capital e Grande Buenos Aires. O lunfardo foi muito influenciado pelos imigrantes.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 58.

Pregunta: ¿Cómo fueron los años 30 para usted?

Don Ramiro: Bueno, la vida era muy dura en aquel entonces [...] (...).

(...).

Pregunta: ¿Cómo cambió?

Respuesta: Bueno, con Perón todos éramos machos.<sup>31</sup>

Na nota de rodapé, o autor destaca que essa entrevista com Ramiro González, um ex-empregado de portos do rio Paraná, foi realizada em novembro de 1976. Perón tinha passado no exílio de 1955 a 1973. Tinha falecido em 1974 e, em março de 1976, um golpe de Estado tinha derrubado o governo peronista de Isabelita Perón. Sabe-se que Perón buscou legitimar seu governo fazendo um contraponto com a década de 1930, chamada de “década infame”. Entretanto, as palavras de González não indicam que Perón tenha sido necessariamente bem sucedido nesse intento nos dois primeiros governos. A entrevista indica, de forma mais segura, como a visão negativa sobre a década de 1930, visão estimulada por Perón, ajudou a legitimar a *resistência* peronista depois dos golpes de 1955 e 1976.

Antes de concluir, vale frisar as suas contribuições para a historiografia. O trabalho com as fontes que selecionou permitiu, em comparação com Germani, uma perspectiva mais histórica para se compreender o apoio que os trabalhadores deram a Perón dentre as opções existentes. Além disso, ao destacar a autonomia dos trabalhadores em 17 de outubro de 1945 e as pressões para que os planos de racionaliza-

ção e aumento da produtividade resultassem em conquistas para os trabalhadores, James mostra que o período não foi de plena harmonia. Entretanto, em James, a “ideologia” parece predominar sobre as apropriações que os trabalhadores fazem dela, a “ideologia” se sobrepõe à cultura. James considera que Perón dizia aos trabalhadores o que estes desejavam ouvir. E o inverso, também não ocorria? Onde James vê integração, como na entrevista comentada, não estariam os trabalhadores pressionando, resistindo tanto quanto em greves? Além disso, Perón dizia aos trabalhadores o que estes desejavam escutar ou o que *acreditava* que os trabalhadores desejavam escutar? Para retomarmos o conceito de contra-teatro, em que ponto(s) a “moderação do comportamento político mútuo” se rompeu, colaborando para a imposição do antiperonismo em 1955?

### **Peronismo, cultura e uma experiência pessoal**

Os golpes de Estado e a desarticulação de sindicatos e de outros canais de participação política que estes golpes promoveram colaboraram para que, nas três primeiras décadas, o movimento operário fosse privilegiado em detrimento de outros objetos na historiografia sobre o peronismo. Entretanto, com a queda da União Soviética e a crise do socialismo, gradativamente a historiografia passa da classe operária para outros grupos sociais e para outros âmbitos da vida dos trabalhadores.

Luis Alberto Romero e Leandro Gutiérrez consideram pertinente tomar o mundo do trabalho como o elemento

<sup>31</sup> Ibidem, p. 44-45.

mais importante da identidade dos trabalhadores argentinos, sobretudo dos que moravam em Buenos Aires e arredores, somente até 1910. Depois, o crescimento da capital e o deslocamento dos trabalhadores do centro para os bairros, onde compravam lotes, teria provocado um “distanciamento” do mundo do trabalho e a abertura a experiências variadas como as vividas em sociedades de bairro. Além disso, a escolarização e o domínio do espanhol pelos descendentes dos imigrantes teriam ampliado essas experiências, por exemplo, através das bibliotecas populares<sup>32</sup> e do acesso a livros baratos<sup>33</sup>. Assim, na opinião dos autores, é preciso buscar os conflitos sociais:

(...) en un campo más amplio que el tradicional, descubriendo la dimensión conflictiva implícita en el acceso diferen-

cial a los bienes materiales – como la vivienda o la salud – o, en el otro extremo, la que está implícita en la apropiación o imposición de formas culturales. Como señalan ya muchos autores, el conflicto social no se limita a las huelgas o al 17 de Octubre (...).<sup>34</sup>

Trabalhos como os de Romero e Gutiérrez dialogam com autores como Beatriz Sarlo.<sup>35</sup> Esses trabalhos questionam as fronteiras tradicionalmente estabelecidas entre o “centro” e a “periferia” e destacam, por exemplo, a circulação – e apropriação – de ideias. Essas fronteiras não são eliminadas, porém passam a ser vistas como atravessadas por diferentes sujeitos e grupos político-sociais que, assim, teriam conhecimento de outras experiências além daquelas vividas no âmbito pessoal. Vale ressaltar que, no caso argentino, o expressivo índice de alfabetização do país contribuiu para este processo. Consideramos ser um dado fundamental para questionar concepções estanques de “popular”, assim como as imagens da manipulação e da passividade por vezes associadas aos setores populares em termos políticos. Entretanto, a maioria destes trabalhos encerra os seus recortes temporais antes do peronismo.

Uma das primeiras tentativas de se explicar o apoio dos setores populares ao peronismo priorizando elementos culturais foi feita por Alberto Ciria em *Política*

<sup>32</sup> Leandro H. Gutiérrez e Luis Alberto Romero destacam que a formação da maioria das bibliotecas populares foi uma iniciativa de membros da elite, mas as diretorias das bibliotecas também seriam formadas por representantes dos setores populares, que nelas alcançariam reconhecimento e distinção social. (GUTIÉRREZ, Leandro; ROMERO, Luis Alberto. *Sociedades barriales y bibliotecas populares*. GUTIÉRREZ; ROMERO, op. cit., p. 71-107). As bibliotecas populares são entidades civis autônomas financiadas, total ou parcialmente, pelo Estado. Surgiram na década de 1870 e, segundo um censo promovido pelo governo de Perón, em 1954 havia 1676 bibliotecas populares em todo o país. Juntas, tinham um acervo de 6 milhões de livros.

<sup>33</sup> “(...) Buenos Aires conoció un fenómeno singular: el desarrollo de una serie de empresas editoras que ofrecieron, a precios económicos, un conjunto significativo de buenas obras de la literatura y el pensamiento universal. (...). Su existencia estuvo posibilitada (...) por la maduración de ciertos cambios en la sociedad porteña, y particularmente en sus *sectores populares, entre quienes se reclutaban principalmente los lectores de estas obras* [grifo meu].” (ROMERO, Luis Alberto. *Una empresa cultural: los libros baratos*. GUTIÉRREZ; ROMERO, op. cit., p. 47).

<sup>34</sup> GUTIÉRREZ, Leandro; ROMERO, Luis Alberto. *Los sectores populares y el movimiento obrero: un balance historiográfico*. GUTIÉRREZ; ROMERO, op. cit., p. 212.

<sup>35</sup> SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.

*y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)*.<sup>36</sup> O autor destaca, por exemplo, que o governo promovia espetáculos sobre temas folclóricos/rurais em redutos tradicionais da elite como o Teatro Colón de Buenos Aires. Logo, o apoio ao peronismo estaria relacionado à apropriação simbólica de espaços urbanos, o que mostraria a ascensão social dos setores populares. Apesar de sua importante colaboração, o autor se detém na adesão ao peronismo e deixa em segundo plano as tensões entre governo e setores populares. Em Ciria, “ideologia” e cultura parecem se igualar. Além disso, o autor enfatiza o folclórico/rural como o elemento central do “popular” na Argentina de meados do século XX e desconsidera outras matrizes.

Em uma perspectiva semelhante, Mariano Plotkin, em *Mañana es San Perón*, explica o apoio ao peronismo pela apropriação simbólica de espaços urbanos como praças e de eventos como o 1º de maio e o 17 de outubro, nos quais Perón e os setores populares se encontrariam harmoniosamente. O autor destaca, também, a apropriação do passado nacional pelo governo de Perón: os descamisados seriam herdeiros das *puebladas* e *montoneras* do século XIX.<sup>37</sup> Apesar do enfoque original, Plotkin não consegue ir além, de fato, de uma análise do discurso peronista. Na segunda edição,

<sup>36</sup> CIRIA, Alberto. *Política y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1983.

<sup>37</sup> As *montoneras* – grupos armados – e as *puebladas* – levantes populares – do século XIX foram manifestações políticas dos caudilhos provinciais contra a organização do Estado unitário e liberal argentino.

lançada em 2007, o próprio autor destaca essa crítica recebida pelo livro:

Una de las críticas más fuertes (...) ha sido el hecho de ocuparse con exclusividad del contenido de los mensajes (...), prescindiendo de la recepción de los mismos. Vinculado a esto estaría la imagen supuestamente proyectada (...) de un régimen peronista en el que el Estado sería el único agente activo frente a una masa receptora pasiva manipulada por aquél.<sup>38</sup>

É verdade que Plotkin destaca empecilhos encontrados por Perón para alcançar consenso. O autor destaca, por exemplo, que não foi possível ignorar o peso da tradição liberal argentina, sobretudo após a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. “Aunque Perón ciertamente no era liberal, tampoco tenía intenciones (al menos en un principio) de disociarse de la tradición liberal que, luego del triunfo aliado en la guerra, podía reclamar una vez más su lugar como la “verdadera” tradición del país.”<sup>39</sup>

Entretanto, em algumas passagens, Plotkin dissocia os setores populares dessa tradição liberal. Por exemplo, o autor destaca que Perón, diante da oposição da maioria dos empresários, radicalizou o discurso para se consolidar entre os trabalhadores. De acordo com Plotkin, ra-

<sup>38</sup> PLOTKIN, Mariano. *Mañana es San Perón*. Caseros: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2007. p. 10.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 63.

dicalização referente a uma passagem do político ao social, na qual foram ressaltadas os limites da democracia liberal.<sup>40</sup>

Para darmos mais um exemplo de como a historiografia dissocia os trabalhadores dos âmbitos da democracia e da “alta cultura”, vejamos o que Flavia Fiorucci afirma em 2005 sobre o peronismo e os intelectuais. “La identidad obrera (...) y el carácter autoritario del régimen son centrales a la hora de comprender la falta de interés en la alta cultura y en sus propios cuadros intelectuales.”<sup>41</sup>

Há, assim, uma lacuna: os trabalhos que citamos sobre o período anterior a Perón destacam processos histórico-culturais que são desconsiderados pela historiografia sobre o peronismo. Por que, por exemplo, associar os setores populares tão estreitamente com o folclórico/rural, como faz Círia, quando os livros mais baratos não se limitavam a este tema? Por que dissociar os trabalhadores da tradição liberal-democrática do país, como vemos em Plotkin, quando as bibliotecas populares foram um dos centros de propaganda da causa dos Aliados na Segunda Guerra Mundial?<sup>42</sup> A análise

do peronismo não pode prescindir de experiências como estas vividas pelos setores populares. A historiografia que trabalha com as questões culturais tem privilegiado as experiências que – supostamente – convergiam com a “ideologia” peronista. Cabe encarar os processos histórico-culturais que destoavam do projeto peronista, o que levou o governo a tentar se apropriar destes processos e normatizá-los. O peronismo não pode ser pensado acima da história e da cultura da Argentina.

Em um artigo de 2008, Flavia Fiorucci parece ter mudado a visão que defendeu em 2005. Destaca que o governo de Perón teve uma política cultural e como esta política se deu a partir de um plano institucional já estabelecido. Em suas palavras, o governo “(...) incorporó una serie de dependencias para coordinar la administración de la cultura (...) e incrementó notablemente el gasto público en cultura.”<sup>43</sup>

O artigo não pretende deixar a impressão de ter desqualificado a historiografia sobre o peronismo. A partir de autores representativos, pretendeu, apenas, dividir dúvidas surgidas em mais de dez anos de leituras e pesquisas sobre o tema, especialmente após a pesquisa de doutoramento, que analisou a política cultural de Perón e a produção cultural alinhada com seu governo, sobretudo pe-

<sup>40</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>41</sup> FIORUCCI, Flavia. ¿Aliados o enemigos? Los intelectuales en los gobiernos de Vargas e Perón. *Estudios interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, v. 15, n° 2, julho-dezembro de 2004. p. 11. Disponível no site: <[www.tau.ac.il/eial/XV\\_2/fiorucci.html](http://www.tau.ac.il/eial/XV_2/fiorucci.html)>. Acesso em: 2 maio 2005.

<sup>42</sup> Cf ROMERO, Luis Alberto. La política en los barrios y en el centro: parroquias, bibliotecas populares y politización antes del peronismo. In: KORN, Francis; ROMERO, Luis Alberto (Org.). *Buenos Aires/Entre guerras: la callada transformación, 1914-1945*. 1ª ed. Buenos Aires: Alianza, 2006.

<sup>43</sup> FIORUCCI, Flavia. Reflexiones sobre la gestión cultural bajo el peronismo. *Nuevo Mundo Nuevos Mundos*, 10 de fevereiro de 2008. Disponível no site: <<http://nuevomundo.revues.org/index24372.html>>. Acesso em: 9 julho de 2008.

riódicos e literatura.<sup>44</sup> A existência dessa política cultural e de uma expressiva produção cultural alinhada com o governo indica aos pesquisadores que Perón, para se legitimar, não se restringiu às medidas sociais e trabalhistas, o que indica a necessidade de se reavaliar as características atribuídas aos setores populares e, conseqüentemente, ao peronismo.

Para Michel de Certeau, política cultural é “(...) um conjunto mais ou menos coerente de objetivos, de meios e de ações que visam à modificação de comportamentos, segundo princípios ou critérios explícitos.”<sup>45</sup> A análise da política cultural peronista e da produção cultural alinhada com o governo – o que nem sempre significou convergência – permite, assim, detectar pontos de tensão entre o peronismo e sua própria base social, o que o governo considerava necessário mudar e/ou impedir que mudasse nos setores populares.

Para darmos alguns exemplos, um dos pontos de tensão foi o papel das mulheres. No primeiro governo de Perón, as mulheres conquistaram o direito ao voto, em uma campanha protagonizada pela primeira-dama. Houve expressiva mobilização das mulheres pelo peronismo e o voto feminino foi fundamental para

a reeleição de Perón em 1951. Porém, a relação das mulheres com o peronismo nem sempre foi marcada pela adesão.

Para Evita, sobre as mulheres pensava a responsabilidade de se garantir a harmonia da família e do país através do ensinamento de valores éticos e morais aos homens e às crianças. No entanto, havia uma mudança de papéis em curso, o que deveria ser recusado pelas mulheres. “Trabajan [as mulheres] casi como ellos. Prefieren, como ellos, la calle a la casa. No se resignan a ser madres, ni esposas.”<sup>46</sup> Há um reconhecimento de limites para se interferir no âmbito privado. Segundo Evita, a educação dos homens e das crianças pelas mulheres não seria simples, pois, às “(...) portas do lar acaba a nação inteira e começam outras leis, outros direitos: a lei e o direito do homem, misto de amo e de ditador.”<sup>47</sup> Além dos periódicos, muitos dos quais apresentam reportagens e seções voltadas às mulheres, existe uma literatura “pedagógica” de escritores peronistas que permitem explorar essa tensão entre o papel tradicional das mulheres e as mudanças em curso na sociedade argentina durante os dois primeiros governos de Perón.<sup>48</sup>

<sup>44</sup> Cf. SILVA, Paulo Renato da. *¿Alpargatas si, libros no? Producción cultural e legitimidade política durante o governo de Perón (1946-1955)*. Campinas (SP), 2009. 261 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP. Dentre os arquivos pesquisados na Argentina, destacamos o da Biblioteca Nacional, o da Biblioteca do Congresso e o da Academia Argentina de Letras.

<sup>45</sup> CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995. p. 195.

<sup>46</sup> PERÓN, Eva. *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996. p. XL.

<sup>47</sup> PERÓN, *A razão de minha vida*, p. 285.

<sup>48</sup> Cf. VELÁZQUEZ, Luis Horacio. *Pobres habrá siempre*. Buenos Aires: Claridad, 1944; VELÁZQUEZ, Luis Horacio. *Los años conmovidos*. Buenos Aires: Guillermo Kraft, 1949; VELÁZQUEZ, Luis Horacio. *El juramento*. Buenos Aires: Emecé, 1954.

A preocupação do governo de Perón em “aumentar o empenho” dos argentinos no trabalho e com os gastos “excessivos” dos trabalhadores são outros pontos a serem explorados, como pode ser visto no número 9 da revista *Substancia*, de fevereiro de 1952. No texto “*Martín Fierro*” y la Producción, Perón e o poeta José Hernández são aproximados quanto a condutas morais exemplares em relação ao trabalho e à poupança. “Produzca mucho, consuma poco y ahorre la diferencia.”<sup>49</sup> Porém, os argentinos primariam pelo contrário. “Nuestra conducta es diametralmente opuesta: Producir poco o nada...derrochar mucho y vivir roído de cuentas.”<sup>50</sup> Conforme destacamos, Daniel James vê as citações do poema *Martín Fierro* por Perón como um sinal de sintonia com os trabalhadores, o que não encontramos neste texto da revista alinhada com seu governo. Vale frisar que *Substancia* era um periódico da Província de Entre Ríos, portanto, do interior, visto por muitos como reduto clássico do peronismo.<sup>51</sup>

A questão dos gastos “excessivos” também repercutia sobre as mulheres. Dirigindo-se a mulheres, Evita destacou que saber “(...) comprar debe

ser nuestro lema (...) para consolidar y sostener el salario real de la economía peronista.”<sup>52</sup> Vale explicar que essa preocupação estava relacionada, em parte, à perda do poder de compra dos salários devido à inflação. Sobre os homens, a questão dos gastos “excessivos” recaía em uma crítica aos vícios e ao lazer sem a família. Em discurso pronunciado em 19 de fevereiro de 1947, Evita destacou que a Argentina precisava de homens “(...) austeros, que forjen su vida al calor del hogar, donde siempre palpita un corazón de mujer.”<sup>53</sup> Esse discurso em relação aos homens não se referia apenas a princípios morais e/ou à “economia doméstica”, mas também estava relacionado a uma concepção ideal de trabalhador, que sempre estivesse em condições de exercer o seu trabalho plenamente, devidamente descansado e com saúde. Em tempo, a literatura do período também é um campo fértil para explorar esses pontos.<sup>54</sup>

<sup>49</sup> PERÓN, Eva. *Yo Evita: habla a las mujeres, patria – pueblo – recuperación*. Buenos Aires: C. S. Ediciones, 1996. p. 95.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 36.

<sup>51</sup> Algumas pesquisas recentes têm explorado esses outros âmbitos do discurso peronista. Marcela Gené, em *Un mundo feliz: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo, 1946-1955* (Buenos Aires: FCE; Universidad San Andrés, 2005), destaca que a propaganda peronista produzia uma quantidade expressiva de imagens de trabalhadores fora do âmbito do trabalho, particularmente no ambiente doméstico. Porém, como Plotkin, a autora se concentra mais no discurso peronista do que nas tensões sociais que essas imagens pretendiam conter. Outro trabalho que merece ser citado é *Estigmas de nacimiento: peronismo y orden familiar, 1946-1955* (Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés, 2006), de Isabella Cosse. A autora destaca como a igualdade defendida pelo discurso peronista se chocava com a marginalidade vivida por mães solteiras e filhos “ilegítimos”. A autora considera que o peronismo valorizou esses setores, como poderia ser visto na lei que garantiu os mesmos direitos para os filhos nascidos fora do casamento. Porém, consideramos que o peronismo empreendeu a *incorporação* desses setores, mas dentro de princípios morais tradicionais.

Sobre a relação dos setores populares com a tradição liberal-democrática, concordamos com Plotkin quando frisa que Perón não era liberal. Contudo, consideramos que uma tensão marcava seu governo: oriundo de grupos antiliberais, assumiu a presidência através de eleições e em uma época de entusiasmo internacional com a democracia, razão pela qual procurou se apropriar da tradição liberal-democrática diante dos setores populares. Assim, discordamos de Plotkin e de outros autores que dissociam os setores populares da tradição liberal-democrática. Por exemplo, no primeiro número da revista *Argentina*, publicada pelo Ministério da Educação de Perón, o lançamento do periódico é equiparado a um jornal dos liberais da Revolução de Maio, precursora da independência do país em 1810. Nas palavras de Oscar Ivanissevich, então Ministro da Educação:

ESTA REVISTA (...) es editada por el gobierno argentino, pero de ninguna manera es una revista oficial. Se trata de un órgano (...) que responde (...) al alto ejemplo que nos dieron los fundadores de la nacionalidad.

Cuando en 1810 comenzó a gobernar la Primera Junta se encontró con que ya existía en el país la prensa libre, de iniciativa privada, pero no vió en ella el instrumento suficiente para llevar adelante la Revolución de Mayo. Creó entonces la GAZETA DE BUENOS AYRES (...).<sup>55</sup>

<sup>55</sup> IVANISSEVICH, Oscar. "Argentina". *Argentina*, Buenos Aires, no 1, 1º de janeiro de 1949. p. 2. Marcela Gené nos lembra que o peronismo também se apropriou de tradições políticas anteriores de esquerda, como mostrariam as imagens de trabalhadores difundidas por sua propaganda. A

Até mesmo o nacionalismo se apresenta como um ponto de tensão entre a "ideologia" peronista e a cultura argentina. O tema não esteve circunscrito a uma valorização do folclórico/rural e passava por questões como a língua, notadamente a "necessidade" de se preservar o espanhol frente ao francês e ao inglês. Um exemplo interessante dessas tensões pode ser encontrado no artigo *Salvemos las raíces de la nacionalidad*, de Clodomiro del Campo, publicado em 1949 na revista *Argentina*. "¿Se quiere algo más nuestro, más popular que el fútbol? (...) pero sus grandes cuadros siguen llamándose "River Plate", "Racing" y "Boca Juniors"..."<sup>56</sup>

Existem outros exemplos, mas o objetivo não é apresentar os resultados da pesquisa de doutoramento, mas destacar a complexidade do discurso peronista, representativa da constituição dos setores populares para além do mundo do trabalho, e indicar fontes que permitam explorar esta complexidade e repensar a relação de Perón com estes setores da sociedade argentina.<sup>57</sup> Canclini destaca que a "(...) bibliografia sobre cultura costuma supor que existe (...)

autora destaca, por exemplo, como as imagens de trabalhadores sendo oprimidos e lutando se transformou em imagens de trabalhadores felizes, desfrutando as conquistas obtidas com Perón.

<sup>56</sup> DEL CAMPO, Clodomiro. *Salvemos las raíces de la nacionalidad*. *Argentina*, Buenos Aires, nº 3, março de 1949. p. 83.

<sup>57</sup> Um bom levantamento de publicações e intelectuais peronistas foi feito por Fermín Chávez nos dois volumes de *Alpargatas y libros: diccionario de peronistas de la cultura* (Buenos Aires: Theoría, 2004).

um destino fatídico dos populares que os arraiga às tradições.”<sup>58</sup> Para o autor, é necessário desmontar os processos que levaram o “popular” à cena, vê-lo “(...) como algo construído, mais que como preexistente.”<sup>59</sup>

Pode-se argumentar que Perón pretendia conquistar outros grupos sociais com sua política cultural e com as publicações alinhadas com o governo e não os setores populares. Concordamos que Perón não buscou somente o apoio dos setores populares, o que, aliás, também merece ser aprofundado pela historiografia. No entanto, reafirmamos que um dos instrumentos para se conquistar o apoio dos setores populares – objetivo nem sempre bem sucedido – foi a política e a produção cultural. Em 1951, o governo expropriou o jornal antiperonista *La Prensa*, o qual foi entregue à Confederação Geral do Trabalho (CGT), central sindical aliada de Perón. Em 10 de fevereiro de 1954, Cátulo G. Castillo, presidente da Comissão Nacional de Cultura, ligada ao governo, enalteceu “o trabalho que em favor da cultura argentina” realizava o jornal, pois o jornalismo seria “(...) una herramienta invaluable para orientar la cultura de cualquier país, a través (...) de su *fácil acceso a las masas* [grifo meu].”<sup>60</sup>

Dada a permanência do peronismo no centro da política argentina e as cons-

tantes reivindicações de Perón e Evita por diferentes sujeitos e grupos político-sociais do país, cabe ao historiador do tema “simplesmente” adotar o básico de nosso ofício, a pesquisa em arquivos. O trabalho em arquivos viabiliza a devida distinção entre a memória e os processos históricos daqueles anos, indicando âmbitos constituintes dos sujeitos e grupos que nem sempre se pautaram pela adesão ou pelo mesmo grau de adesão ao peronismo.

### Referências bibliográficas

BERROTARÁN, Patricia M. Educar al funcionario: “de la frialdad de las leyes a las innovaciones doctrinarias” (Argentina 1946-1952). *Nuevo Mundo Nuevos*, 2008. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/36602>>. Acesso em: 4 ago. 2012.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentido: cultura escrita, entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CHÁVEZ, Fermín. *Alpargatas y libros: diccionario de peronistas de la cultura*. Buenos Aires: Theoría, 2004. 2 v.

<sup>58</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 206.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 206-207.

<sup>60</sup> Encomia la Comisión N. de Cultura la Labor Educativa de LA PRENSA. *La Prensa*, Buenos Aires, 10 de fevereiro de 1954.

- CIRIA, Alberto. *Política y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1983.
- COSSE, Isabella. *Estigmas de nacimiento: peronismo e ordem familiar, 1946-1955*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés, 2006.
- DEL CAMPO, Clodomiro. Salvemos las raíces de la nacionalidad. *Argentina*, Buenos Aires, n° 3, março de 1949. p. 83.
- Encomia la Comisión N. de Cultura la Labor Educativa de LA PRENSA. *La Prensa*, Buenos Aires, 10 de fevereiro de 1954.
- FIORUCCI, Flavia. ¿Aliados o enemigos? Los intelectuales en los gobiernos de Vargas e Perón. *Estudios interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, v. 15, n° 2, julho-dezembro de 2004. Disponível no site: <[www.tau.ac.il/eial/XV\\_2/fiorucci.html](http://www.tau.ac.il/eial/XV_2/fiorucci.html)>. Acesso em: 2 maio 2005.
- FIORUCCI, Flavia. Reflexiones sobre la gestión cultural bajo el peronismo. *Nuevo Mundo Nuevos Mundos*, 10 de fevereiro de 2008. Disponível no site: <<http://nuevomundo.revues.org/index24372.html>>. Acesso em: 9 julho de 2008.
- GENÉ, Marcela. *Un mundo feliz: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo, 1946-1955*. Buenos Aires: FCE; Universidad San Andrés, 2005.
- GERMANI, Gino. *Política e sociedade numa época de transição*. São Paulo: Mestre Jou, 1973.
- GERMANI, Gino. *Política y sociedad en una época de transición*. Buenos Aires: Paidós, 1968.
- GUTIÉRREZ, Leandro; ROMERO, Luis Alberto. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- JAMES, Daniel. 17 y 18 de octubre de 1945: el peronismo, la protesta de masas y la clase obrera argentina. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 27, n° 107, outubro-dezembro de 1987.
- JAMES, Daniel. Racionalización y respuesta de la clase obrera: contexto y limitaciones de la actividad gremial en la Argentina. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 21, n° 83, outubro-dezembro de 1981.
- JAMES, Daniel. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.
- KORN, Francis; ROMERO, Luis Alberto (Org.). *Buenos Aires/Entreguerras: la callada transformación, 1914-1945*. 1ª ed. Buenos Aires: Alianza, 2006.
- “Martín Fierro” y la Producción. Substancia, Concepción del Uruguay, n° 9, fevereiro de 1952.

- MURMIS, Miguel; PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudios sobre as origens do peronismo*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- PERÓN, Eva. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- PERÓN, Eva. *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996.
- PERÓN, Eva. *Yo Evita: habla a las mujeres, patria – pueblo – recuperación*. Buenos Aires: C. S. Ediciones, 1996.
- PLOTKIN, Mariano. *Mañana es San Perón*. Caseros: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2007.
- SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- SILVA, Paulo Renato da. *¿Alpargatas si, libros no? Produção cultural e legitimidade política durante o governo de Perón (1946-1955)*. Campinas (SP), 2009. 261 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VELÁZQUEZ, Luis Horacio. *El juramento*. Buenos Aires: Emecé, 1954.
- VELÁZQUEZ, Luis Horacio. *Los años conmovidos*. Buenos Aires: Guillermo Kraft, 1949.
- VELÁZQUEZ, Luis Horacio. *Pobres habrá siempre*. Buenos Aires: Claridad, 1944.